

"REFLEXÕES SOBRE A DESPINTURA"

A Luz Táctil em Carlos Eirão

Texto de: Nuno Rebocho

O feixe de luz desvenda o impudor do negrume. São então esculpidas, reveladas as formas. Eis o mito original – o da Criação: no princípio, separada a terras das águas, tudo era informe e vazio; o Mistério criou a luz e separou-a das trevas. Inaugurou-se a visão e o conhecimento. A lenda mesopotâmica que o Génesis nos transporta é uma metáfora, mas será a inscrição de um esforço para entender, para penetrar no desconforto iniciático: "pensar incomoda como andar à chuva", escreveu Alberto Caeiro.

Então segue o modelo: a discreta luz penetra no espaço negro delimitado pela grade. O pintor tem agora por sofrer o inverso da angústia clássica: o quadro já não é um espaço em branco, uma página vazia a preencher com formas e cores, com ritmos. Por isso se faz *despintor* – desvenda. Tacteia no escuro a surpresa dos achamentos, as trevas desfazem-se em contornos, o conhecimento saca o que nelas se contém (aqui existe também a experiência da gravura) e, à medida que avança para a claridade, projectam-se do fundo outras formas, outras revelações, a antiguidade depositada na noite dos tempos. Por isso a *despintura* de Eirão se faz uma teoria do conhecimento – a arte é uma gnoseologia ou é nada.

Durante quatro anos, Eirão esteve ausente. Podemos dizer que esteve em recolhimento, a amadurecer, a sopesar. Por fim emerge para nos dar conta de que o acto de pintar, de criar, não se reduz à investigação da matéria – é, continua a ser, a investigação do humano, um acto de reflexão. O tempo finissecular traz consigo um novo humanismo que afronta a descendência das vanguardas e transvanguardas que, depois de embasbacarem o mercado, o saturaram, conferindo embora importantes descobertas e técnicas, armas que o humanismo novo não pode ignorar.

A invasão da luz é uma iniciação aos valores: gera contrastes e penumbras, determina opostos e intermediações, define planos, organiza e desorganiza, informa e disforma, forma e deforma. A sombra é púdica a luz é impúdica: impúdica porque descobre. Todavia. O que se esconde vive o impudor de si mesmo – está esconjurado. O que salta à luz desnuda-se, assume corajosamente o seu pudor, revela-se. A luz é púdica, a sombra é impúdica.

A reflexão pode ser um jogo de sombras, de conceitos que têm a sua relatividade. Porque a reflexão discute e discute-se a si mesma, tudo questiona, faz e refaz, inquieta e desafia tal como a luz perturba os olhos e as mentes: "... a única inocência é não pensar" (Alberto Caeiro).